O Candeeiro
Boletim Informativo do Programa Uma Terra e Duas Águas
Ano 19 · nº 3158
Novembro/2026
Fagundes - PB
P1+2
Programa Uma Terra e Duas Águas
Paraíba

Uma jovem que escolheu ficar e cultivar o futuro



Na comunidade Mãe Joana, em Fagundes, no agreste paraibano, a agricultura faz parte da história de Raiana Medeiros Vieira desde a infância. Aos 29 anos, ela carrega os ensinamentos dos pais, José Cacimiro (mais conhecido como Cacau) e Damiana Medeiros, agricultores que fizeram da terra o sustento da família.

Hoje, Raiana não apenas continua esse caminho pois é presidente da Associação Comunitária, integrante do Banco Comunitário de Sementes (BSC) e uma das jovens lideranças da comunidade: “comecei na agricultura desde criança, nasci nessa área, então desde pequena aprendi com eles como lidar com a terra, como viver na seca do Nordeste, no Semiárido”, conta. Foi no convívio com os pais que aprendeu a plantar, colher e observar os sinais da natureza: “aqui no Nordeste, as pessoas veem o clima pela natureza, pelas formigas, pelos passarinhos”, relembra.

Água para produzir e permanecer

A trajetória da família também é marcada pela luta pelo acesso à água. Antes das políticas de convivência com o Semiárido, era preciso buscar água em cacimbas, barreiros ou nas propriedades de grandes fazendeiros. Hoje, as tecnologias de armazenamento transformaram essa realidade: “ninguém precisa ir pegar água em barreiro... ninguém vê uma pessoa sair com o jumento para pegar água, como no meu tempo”, conta. A mudança representa mais do que ter água disponível: “água para mim é vida. Porque se não tivermos água, não temos nada. A gente pode sonhar mais”.

Foi nesse contexto que surgiu uma nova possibilidade para sua trajetória: o Projeto Quintais Produtivos.

O Quintal que mudou caminhos

A partir da articulação da comunidade com o Serviço Pastoral dos Migrantes do Nordeste (SPM NE) Raiana conheceu a proposta dos Quintais Produtivos. Para ela, o projeto representou um ponto de virada: “esse projeto me deu mais autonomia, porque me deu mais renda, tanto para mim quanto para minha família, alimento de qualidade que aqui eu cultivo e vendo para a comunidade”, afirma.

No seu quintal, de aproximadamente 100 metros quadrados Raiana cultiva: coentro, alface, couve, berinjela, beterraba, maracujá, pinha, goiaba, quiabo, milho, feijão, laranja, manga, acerola e limão.

A produção abastece a família, é comercializada na comunidade e também chega às feiras agroecológicas e aos programas de compras públicas, como PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar).











A produção também fortaleceu a cooperação entre as mulheres. Quando um quintal não consegue atender determinada demanda, outro complementa: “quando não tem na minha casa, tem no quintal da vizinha, vamos dialogando e fazendo esse círculo de produção”.

Os intercâmbios promovidos pelo projeto ampliaram ainda mais seus conhecimentos. Em uma experiência no Ceará conheceu novas formas de manejo e voltou para casa com outras perspectivas: “a gente volta com outro olhar, volta com esperança, volta sonhando num futuro cada vez melhor”, afirma.

No quintal, o manejo busca alternativas aos agrotóxicos utilizando esterco de animais como adubação e defensivos naturais. Parte desses conhecimentos veio dos pais, outros foram adquiridos nas formações e nas trocas com outras agricultoras.



Mulheres que cultivam autonomia

O Quintal Produtivo também fortaleceu o protagonismo das mulheres na comunidade. Das 60 pessoas associadas à organização local, a maioria são mulheres e vinte e cinco delas foram contempladas pelo projeto: “é muito difícil ser mulher agricultora que cultiva, que planta em uma comunidade, mas também é muito gratificante. A gente se sente capaz, se sente importante”, afirma Raiana.

À frente da Associação Comunitária, ela atua na mobilização das famílias, no fortalecimento da produção e na busca por novas oportunidades. A organização também mantém um Banco Comunitário de Sementes Crioulas, preservando variedades conhecidas como “Sementes da Paixão”. Para Raiana, a vida comunitária é construída pela cooperação: “a gente tem que viver em comunidade, temos que um ajudar ao outro”.







Ficar também é uma escolha

O Quintal Produtivo contribuiu para que Raiana deixasse o trabalho na cidade e retornasse para a agricultura. Seu pai, Cacau, acompanha essa trajetória com orgulho: “ela estava trabalhando na cidade, mas como esse projeto chegou, ela voltou para ficar com a gente aqui”.

A permanência no campo, porém, não significa apenas escolher ficar, significa criar condições para viver, produzir e sonhar no território. Nessa caminhada, Raiana reconhece a importância do SPM: “me mostrou que eu não preciso sair daqui, do Nordeste, da Paraíba, para viver em outro lugar, para ter o meu sustento e poder viver bem”.

Hoje, ela quer ampliar o Quintal, instalar um sistema de irrigação e aumentar a produção. Mas seu sonho vai além da propriedade: quer ver mais jovens encontrando na agricultura uma possibilidade de trabalho, renda e futuro: “eu acredito no futuro da minha comunidade cada vez mais ingressada na agricultura tendo renda do nosso campo, das nossas lutas, mesmo nas nossas dificuldades, mesmo na seca.”

No sitio Mãe Joana, Raiana representa uma geração que aprendeu com os mais velhos, mas encontrou novas ferramentas para permanecer. Entre sementes crioulas, hortaliças, intercâmbios e organização comunitária, ela cultiva mais do que alimentos: cultiva autonomia, esperança e a possibilidade de construir o futuro onde suas raízes estão.